

LIÇÃO 4 - O que Devemos Saber sobre a Matéria. Como a Matéria É Encontrada em Todas as Coisas

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulos 4 e 5: 1044a 15-1045a

“ 722. Quanto à substância material, não devemos ignorar o fato de que, embora todas as coisas venham do mesmo primeiro [princípio] ou dos mesmos [princípios] ou primeiras [causas], e embora a mesma matéria seja o primeiro princípio das coisas que vêm a ser, ainda assim existe alguma matéria própria de cada coisa; por exemplo, a primeira matéria da fleuma é o doce ou o gorduroso, mas a da bile é o amargo ou algo mais. Mas talvez estas venham da mesma matéria.

723. Além disso, há várias matérias da mesma coisa quando uma vem de outra, como a fleuma vem do gorduroso e do doce, se o gorduroso vem do doce. E algo vem da bile ao dissolver a bile em sua primeira matéria. Pois uma coisa vem de outra de dois modos: ou porque é anterior à outra [no processo de desenvolvimento] ou porque vem da dissolução de uma coisa em seu primeiro princípio.

724. Ora, quando há uma só matéria, é possível que coisas diferentes venham a ser por virtude da causa de movimento, como um baú e uma cama vêm da madeira. Mas de certas coisas a matéria é necessariamente diferente quando as coisas são diferentes; por exemplo, uma serra não pode ser feita de madeira, e não está no poder da causa de movimento fazer isso; pois ele é incapaz de fazer uma serra de lã ou de madeira. Mas se a mesma coisa pode ser feita de matérias diferentes, é claro que a arte e o princípio que atua como motor são os mesmos. Pois se tanto a matéria quanto a causa de movimento são diferentes, também o será a coisa que é feita.

725. Portanto, quando se pergunta qual é a causa de algo, é necessário mencionar todas as causas envolvidas, já que causas são ditas em vários sentidos. Por exemplo: Qual é a causa material do homem? O fluido menstrual. Qual é a sua causa motora? A semente. Qual é a sua causa formal? Sua essência. Qual é a sua causa final? Seu fim. Mas talvez ambas sejam a mesma.

726. É necessário também dar as causas próximas. Qual é a matéria do homem? Não terra ou fogo, mas sua matéria própria.

727. De fato, concernente às substâncias naturais que são geráveis, é necessário proceder deste modo, se alguém há de proceder corretamente, admitindo que estas são as causas, que são deste número, e que é necessário conhecer as causas.

728. No caso das substâncias naturais que são eternas, há outro procedimento. Talvez algumas delas não tenham matéria ou não tenham este tipo de matéria, mas apenas aquela que é submetida à mudança de lugar.

729. Assim, todas aquelas coisas que são por natureza mas não são substâncias não têm matéria, mas o sujeito subjacente é a sua substância. Por exemplo: Qual é a matéria de um eclipse? Não há nenhuma, mas é a lua que é o paciente. Qual é a causa eficiente que destrói a luz? A terra. Qual é a causa final? Talvez não haja nenhuma. Qual é a causa formal? A definição. Mas esta não será clara se não incluir a causa [eficiente]. Por exemplo: O que é um eclipse? Uma privação de luz. E se alguém acrescenta, como resultado da interposição da terra, esta definição é uma que inclui a causa [eficiente]. No entanto, no caso do sono, não está claro qual é o sujeito primário, embora esteja claro que o animal é também um sujeito primário. Mas é assim em um sentido qualificado. E qual é o sujeito primário, o coração ou alguma outra parte? Então, por que [essa modificação é produzida]? E qual é essa modificação que pertence a essa [parte] e não ao todo? É este um tipo especial de imobilidade? É, mas pertence [ao animal] por razão de algum sujeito primário.

Capítulo 5

730. Mas visto que algumas coisas são e não são, sem geração e corrupção, tais como pontos, se de fato existem, e em geral as formas e princípios especificadores das coisas, então todos os contrários não vêm uns dos outros. Pois a brancura não vem a ser, mas a madeira branca vem; e tudo que vem a ser vem de algo e torna-se algo. E o homem branco vem do homem negro e o branco vem do negro de modos diferentes. Nem todas as coisas têm matéria, mas apenas aquelas que podem ser geradas e transformadas umas nas outras. Não há matéria naquelas coisas que são e não são sem sofrer mudança.

731. Novamente, há o problema de como a matéria de cada coisa se relaciona com os contrários. Por exemplo, se o corpo é potencialmente saudável e o oposto de saúde é doença, o corpo é potencialmente ambos? E a água é potencialmente vinho e vinagre? Ou ela se relaciona a um como matéria para sua forma ou atualidade, e ao outro como a privação e corrupção natural [de sua forma ou atualidade]?

732. Ora, isso levanta o problema de por que o vinho não é a matéria do vinagre, embora o vinagre venha dele, e por que o vivo não é o potencialmente morto; ou se não é este o caso, mas as corrupções destes ocorrem em virtude de outra coisa. De fato, a matéria de um corpo vivo é, por corrupção, a potência e a matéria de um corpo morto, e a água é a matéria do vinagre; pois eles vêm uns dos outros como a noite vem do dia. Portanto, quaisquer coisas que são transformadas umas nas outras deste modo devem retornar à sua matéria. Por exemplo, se um corpo vivo há de vir de um morto [este último deve retornar] à sua primeira matéria, e então um corpo vivo vem a ser. E o vinagre [deve retornar] à água, e então o vinho vem a ser.

COMENTÁRIO

1729. Após tratar dos pontos que deveriam ser considerados sobre o princípio formal da substância, Aristóteles agora estabelece o que é verdadeiro a respeito do princípio material. Isso se divide em três partes. Primeiro (7:22:C 1729), ele trata do princípio material em relação às coisas que vêm da matéria; segundo (724:C 1733), em relação às outras causas ("Ora, quando há uma matéria"); e terceiro (730:C 1746), em relação à mudança de geração e corrupção, cujo sujeito é a matéria ("Mas, visto que algumas coisas").

Quanto à primeira, ele faz duas coisas. Primeiro (722), mostra se há um ou vários tipos de matéria, ou se há várias matérias para todas as coisas. E a respeito do princípio material, diz que não se deve ignorar o fato de que, embora todas as coisas venham do mesmo primeiro princípio material, isto é, a matéria primeira, que não tem forma própria, ou dos mesmos princípios materiais "ou primeiras [causas]" (o que é acrescentado por causa dos quatro elementos, os princípios materiais comuns a todas as coisas geráveis e corruptíveis), e embora a mesma matéria seja "o primeiro princípio das coisas que vêm a ser" (o que ele acrescenta devido ao fato de que a matéria não é apenas um princípio de ser, mas também de vir-a-ser), ou seja, embora a matéria primeira e os elementos estejam universalmente relacionados às coisas compostas pelos elementos, ainda há alguma matéria própria de cada coisa. Por exemplo, a matéria própria da fleuma (não em sentido absoluto, mas genericamente) é o gorduroso e o doce, pois estes têm uma certa relação com a fleuma devido à sua umidade. Mas a matéria primeira da bile são coisas amargas ou outras deste tipo; pois nas coisas amargas, o calor parece ter domínio absoluto sobre a umidade, a ponto de destruí-la. Assim, devido à secura e ao calor, o amargo tem uma relação com a bile. Mas talvez essas duas matérias, a saber, o amargo e o doce, venham de algum princípio material anterior. Ele acrescenta "talvez" porque certas coisas têm matérias diferentes, já que suas matérias não são redutíveis a qualquer matéria anterior, por exemplo, corpos corruptíveis e incorruptíveis.

1730. Pelas coisas que são ditas aqui, então, é evidente que há uma primeira matéria para todas as coisas geráveis e corruptíveis, mas matérias próprias diferentes para coisas diferentes.

1731. Ademais, há várias matérias (723).

Segundo, ele aponta como, em sentido oposto, há várias matérias para uma mesma coisa. Diz que há várias matérias da mesma coisa quando uma delas é a matéria da outra, como a matéria da fleuma é o gorduroso e o doce, se o gorduroso vem do doce. Pois o sabor do gorduroso é contado entre os sabores intermediários, e estes são produzidos a partir dos extremos, que são o doce e o amargo. Mas o gorduroso é o mais próximo do doce. Ora, nestes exemplos, devemos ter em mente que ele toma como matéria de cada coisa aquilo a partir do qual a coisa vem a ser, mesmo que não seja permanente, mas transitório.

1732. Portanto, para que alguém não pense que uma coisa é sempre dita vir de um princípio material, e não o contrário, ele acrescenta que algo também é dito vir da bile pela dissolução da bile em sua matéria primeira, e, em ordem inversa, a bile é dita vir da matéria primeira. Pois uma coisa é dita vir de outra de duas maneiras: ou porque a coisa da qual ela vem é naturalmente seu ponto de partida no processo de geração (pois este tipo de coisa é um princípio material); ou porque o processo de vir-a-ser é a dissolução de uma coisa em seu princípio material, ou seja, no sentido de que um princípio material é dito vir de um composto por dissolução. Pois um corpo misto vem dos elementos pelo processo de composição, enquanto os elementos vêm de um corpo misto pelo processo de dissolução.

1733. Ora, quando há uma matéria (724).

Ele estabelece o que é verdadeiro sobre a matéria em relação às outras causas. Primeiro, em relação apenas à causa agente, que produz algo a partir da matéria; e esta relação pertence à matéria enquanto ela é um princípio de vir-a-ser. Segundo (725:C 1737), em relação a todas as causas, conforme a matéria constitui um princípio de conhecimento ("Portanto, quando se pergunta").

Mas, como ele disse acima (722:C 1729) que havia uma primeira matéria de todas as coisas, pode-se perguntar como uma diversidade de coisas poderia vir de uma única matéria comum. Pois os antigos filósofos da natureza atribuíam isso ao acaso quando desconsideravam a causa agente e afirmavam que a diversidade das coisas vem de uma única matéria por um processo de rarefação e condensação.

1734. Portanto, ao rejeitar isso, o Filósofo diz, primeiro (724), que quando há uma matéria, é possível que coisas diferentes venham a existir devido à causa do movimento, seja porque há causas de movimento diferentes, seja porque uma mesma causa de movimento está disposta de maneira diferente para produzir efeitos diferentes. Isso é mais evidente no caso das coisas feitas pela arte. Pois vemos que um baú e uma cama são feitos de madeira por um mesmo artesão em virtude das diferentes formas de arte que ele próprio possui.

1735. Mas, mesmo que haja uma primeira matéria comum a todas as coisas, as matérias próprias de coisas diferentes são diferentes. Portanto, para que alguém não atribua a diversidade das coisas em sua totalidade à causa do movimento e de modo algum ao princípio material, ele

acrescenta que em algumas das coisas que são diferentes, a matéria é necessariamente diferente, a saber, a matéria própria. Pois nem tudo é naturalmente disposto a vir a ser a partir de qualquer matéria, como uma serra não vem da madeira. Nem está ao alcance do artesão realizar isso; pois ele nunca atribui uma única matéria a cada obra, porque não é capaz de fazer uma serra nem de madeira nem de lã, que, devido à sua maciez, não são adequadas para o trabalho de uma serra, que é cortar.

1736. É evidente, então, que a diversidade das coisas é resultado da causa eficiente e da matéria. Portanto, se for adequado que algo especificamente idêntico seja produzido a partir de uma matéria diferente, como uma tigela de ouro e de prata, é óbvio que o princípio eficiente, ou seja, a arte, deve ser o mesmo. Pois se tanto a matéria quanto a causa do movimento fossem diferentes, a coisa produzida teria que ser diferente.

1737. Portanto, quando se pergunta (725). Ele trata da matéria em relação às outras causas conforme a matéria é um princípio de conhecimento. Quanto a isso, ele faz duas coisas. Primeiro (725), mostra que, no caso das coisas geráveis e corruptíveis, devemos atribuir matéria juntamente com as outras causas. Segundo (728:C 1740), mostra como a matéria é encontrada nas substâncias naturais que são eternas ("No caso das substâncias naturais"). Terceiro (729:C 1743), explica como a matéria é atribuída aos acidentes ("Assim, todas aquelas coisas").

Quanto à primeira, ele faz três coisas. Pois, primeiro (725), visto que os antigos filósofos da natureza atribuíam apenas a causa material, ele diz que, quando se pergunta qual é a causa de algo, é necessário afirmar todas as causas "envolvidas", ou seja, todas as que contribuem para o ser da coisa em questão, já que as causas são ditas em vários sentidos. Pois nem todas as coisas têm todas as causas, embora os seres naturais, e especialmente os geráveis e corruptíveis, tenham todas as causas. Por exemplo, na geração do homem, sua causa material é o fluido menstrual; sua causa ativa é o sêmen, no qual o poder ativo está contido; sua causa formal é sua essência, que é significada pela definição; e sua causa final é seu fim [ou objetivo]. Mas talvez essas duas causas, a saber, o fim e a forma, sejam numericamente as mesmas. Ele diz isso porque em algumas coisas elas são as mesmas e em outras não. Pois o objetivo da geração de um homem é sua alma, enquanto o objetivo de suas operações é a felicidade.

1738. É necessário também (726).

Em segundo lugar, mostra que não é necessário apenas atribuir todas as causas, mas também declarar as causas próximas, para que, começando pelas primeiras causas, possamos chegar às próximas. Pois o conhecimento de uma coisa através das primeiras causas é apenas um conhecimento geral e incompleto, enquanto o conhecimento de uma coisa através das causas próximas é um conhecimento completo. Por exemplo, se alguém pergunta sobre a causa material do homem, não deve atribuir como sua causa o fogo ou a terra, que são a matéria comum de todas as coisas geráveis e corruptíveis, mas deve declarar sua matéria própria, como carne e ossos e similares.

1739. De fato, quanto às substâncias naturais (727).

Terceiro, ele resume o que foi dito. Diz que é necessário proceder assim em relação às substâncias naturais e geráveis, se alguém quiser considerar corretamente as causas, dando todas as causas, incluindo as próximas. Isso é necessário tendo em vista que as causas são desse número, como foi explicado (725:C 1737). E é necessário apreender as causas de uma coisa para que ela possa ser conhecida cientificamente, porque a ciência é um conhecimento da causa.

1740. No caso das substâncias naturais (728).

Ele mostra como há matéria nas substâncias naturais que são eternas, a saber, nos corpos celestes. Diz que a matéria nas substâncias naturais que são eternas, ou seja, nos corpos celestes, não é a mesma que a dos corpos sujeitos à geração e corrupção. Pois talvez tais substâncias não tenham matéria, ou, se a têm, não têm o tipo de matéria que os corpos geráveis e corruptíveis possuem, mas apenas aquela que está sujeita ao movimento local.

1741. Pois, como foi dito acima (725:C 1737), no caso das coisas geráveis e corruptíveis, a geração e a corrupção nos levam ao conhecimento da matéria; porque no processo de geração e corrupção deve haver um sujeito comum tanto à privação quanto à forma. Portanto, como em um corpo celeste não há potencialidade para a privação da forma, mas apenas para lugares diferentes, ele não tem uma matéria que está em potência para a forma e a privação, mas uma que está em potência para lugares diferentes.

1742. No entanto, um corpo se relaciona com o lugar não como a matéria se relaciona com a forma, mas como o sujeito se relaciona com o acidente. E embora em um aspecto um sujeito se relacione com um acidente como a matéria se relaciona com a forma, ainda assim um sujeito não deve ser identificado com a matéria, como é dito abaixo (729:C 1743). Assim, um corpo celeste como tal não tem matéria de forma alguma, se sujeito não implica matéria; ou tem matéria quanto ao lugar, se sujeito implica matéria.

Matéria

1743. Assim, todos aqueles (729).

Ele mostra como a matéria é atribuída aos acidentes. Diz que aquelas coisas que existem por natureza, mas não são substâncias, e sim acidentes, (~) não têm uma matéria da qual elas venham a ser, mas (+) têm um sujeito, que é a substância. Ora, um sujeito tem alguma semelhança com a matéria, na medida em que é receptivo de um acidente. Mas difere da matéria neste aspecto: enquanto a matéria só tem ser atual através da forma, um sujeito não é constituído no ser por um acidente.

1744. Portanto, se alguém pergunta qual é a causa de um eclipse, não se pode dar sua (~) matéria, mas a lua é o (+) sujeito que sofre essa modificação.

E a causa eficiente que extingue a luz é a terra colocada diretamente entre o sol e a lua.

Mas talvez seja impossível dar a causa final; pois aquelas coisas que dizem respeito a um defeito não existem por causa de algum fim, mas são antes um resultado da necessidade natural ou da necessidade da causa eficiente. No entanto, ele diz "talvez" porque uma investigação das causas

de eventos particulares que ocorrem nos movimentos celestes é especialmente difícil.

E a causa formal de um eclipse é sua definição. Mas essa definição não é clara a menos que a causa [eficiente] seja dada nela. Assim, a definição de um eclipse lunar é a privação de luz na lua. Mas se alguém acrescenta que essa privação é causada pela terra estar colocada diretamente entre o sol e a lua, essa definição conterá a causa [eficiente].

1745. Isso também é evidente em relação ao acidente do sono. Mas no caso do sono, não é claro qual é o sujeito primário que sofre essa modificação, embora seja claro que o animal é o sujeito do sono. No entanto, não é claro a qual parte do animal o sono pertence primariamente — se ao coração ou a alguma outra parte; pois alguns homens sustentam que o órgão primário da sensação é o cérebro e outros o coração. No entanto, o sono é a cessação da operação sensorial. Então, tendo chegado a um acordo sobre o sujeito do sono, é necessário considerar a partir do que, como sua causa eficiente, o sono vem — se da evaporação do alimento, do trabalho físico ou de algo desse tipo. Em seguida, devemos considerar que modificação o sono é, [definindo] seu sujeito primário, que será alguma parte do animal e não o animal inteiro. Pois o sono é um tipo de imobilidade. Mas pertence primariamente a um animal em razão de alguma parte que é o sujeito de tal modificação. Ora, na definição do sono, devemos declarar esse sujeito primário, assim como na definição de todo acidente devemos declarar seu sujeito primário e próprio. Pois a cor é definida pela superfície, mas não pelo corpo.

746. Mas uma vez que alguns "podem ser" e "não ser" sem geração e corrupção (730).

Ele trata da matéria em relação ao processo pelo qual uma coisa é transformada em outra. Portanto, primeiro (730), ele mostra como a mudança ocorre de maneiras diferentes em coisas diferentes. Segundo (731:C 1748), ele propõe alguns problemas ("Novamente, há o problema").

Ele diz, primeiro (730), que algumas coisas às vezes são e às vezes não são, mas "sem geração e corrupção", ou seja, sem serem geradas e corrompidas em si mesmas, por exemplo, pontos e todos os princípios especificantes e formas em geral, sejam substanciais ou acidentais. Pois, propriamente falando, o branco não vem a ser, mas a madeira branca sim; pois tudo o que vem a ser vem "de algo", i.e., da matéria, e vem a ser aquilo em que o processo de vir a ser é terminado, que é a forma. Assim, tudo o que vem a ser é composto de matéria e forma. Logo, aquelas coisas que são apenas formas não podem vir a ser em si mesmas. Portanto, quando se diz que os contrários vêm a ser uns dos outros, isso tem um significado no caso das coisas compostas e outro no caso das coisas simples. Pois o homem branco vem do homem negro de uma maneira diferente do que o branco vem do negro, porque o homem branco significa um composto e pode, portanto, vir a ser em si mesmo. Mas o branco significa apenas uma forma e, portanto, vem a ser do negro apenas por causa de outra coisa.

1747. A partir do exposto, então, fica claro que a matéria não existe em tudo, mas apenas naquelas coisas que são geradas ou transformadas essencialmente umas nas outras. No entanto, aquelas coisas que às vezes são e às vezes não são, sem serem transformadas essencialmente, são tais que sua matéria não é aquilo de onde elas vêm, mas elas têm como sua matéria o sujeito no qual existem.

1748. Novamente, há o problema (731).

Ele levanta duas questões em relação ao que foi dito. A primeira delas diz respeito ao modo como a matéria se relaciona com os contrários, ou seja, se em todas as coisas que parecem ter contrariedade ou oposição, a matéria está em potência para cada contrário igualmente e na mesma ordem. Pois a saúde é uma certa igualdade dos humores, enquanto a doença é sua desigualdade. Mas tanto a desigualdade quanto a igualdade estão relacionadas ao seu sujeito na mesma ordem. Portanto, parece que a água, que é a matéria dos humores, está em potência para o vinho e o vinagre como contrários, e está disposta igualmente para ambos.

1749. Mas, ao resolver este problema, o Filósofo diz que isso não é verdade. Pois a forma do vinho é um certo estado positivo e natureza, enquanto a forma do vinagre é a privação e corrupção do vinho. Logo, a matéria está disposta primeiro ao vinho como um estado positivo e forma, mas ao vinagre como a privação e corrupção do vinho. E assim ela se relaciona com o vinagre apenas através do meio do vinho.

1750. Agora, isso levanta o problema (732).

Ele propõe um segundo problema, que é o seguinte. Aquilo de onde uma coisa vem a ser parece ser a matéria dessa coisa; por exemplo, os corpos mistos vêm a ser a partir dos elementos, que constituem sua matéria. Portanto, uma vez que o vinagre vem do vinho e um corpo morto de um vivo, surge o problema de por que o vinho não é a matéria do vinagre e um corpo vivo a matéria de um corpo morto, já que um está relacionado ao outro como a potência está para o ato.

1751. Mas a resposta para isso é que o vinagre é a corrupção do próprio vinho, e um corpo morto é a corrupção de um corpo vivo. Logo, o vinagre não vem do vinho como matéria, nem um corpo morto de um vivo; mas diz-se que um vem do outro em virtude de outra coisa, na medida em que vem de sua matéria. Portanto, a matéria de uma tigela não é um copo, mas prata. Similarmente, um corpo vivo não é a matéria de um corpo morto, mas os elementos o são.

1752. Mas porque se diz que um corpo morto vem de um vivo ou vinagre de vinho, esta preposição "de" significará ordem se for feita referência à própria forma do vinho ou do corpo vivo; pois na mesma matéria, após a forma do vinho, vem o vinagre, e após a forma de um corpo vivo, vem um corpo morto. E é desta maneira que dizemos que a noite vem do dia. Portanto, em todas as coisas que vêm umas das outras desta forma, como o vinagre do vinho e um corpo morto de um vivo, o processo de mudança é revertido apenas quando essas coisas são dissolvidas em sua matéria. Por exemplo, se um corpo vivo deve vir de um morto, este último deve primeiro ser dissolvido em sua matéria prima, na medida em que um corpo morto é dissolvido nos elementos; e a partir dos elementos novamente, na devida ordem, um corpo vivo é constituído. O mesmo ocorre em relação ao vinagre e ao vinho.

1753. A razão para isso é que, sempre que a matéria está disposta a diferentes formas em uma certa ordem, ela não pode ser trazida de volta de um estado subsequente para um que é anterior nessa ordem. Por exemplo, na geração de um animal, o sangue vem do alimento; e o sêmen e o fluido menstrual, a partir dos quais o animal é gerado, vêm do sangue. Mas esta ordem não pode ser invertida de modo que o sangue venha do sêmen e o alimento do sangue, a menos que estes

sejam resolvidos em sua matéria prima; porque para cada coisa há um modo definido de geração. E o mesmo [no outro caso], porque a matéria do vinho se relaciona com o vinagre apenas através do meio do vinho, ou seja, na medida em que é a corrupção do vinho. O mesmo também é verdadeiro para um corpo morto e um vivo, para um cego e um que enxerga, e assim por diante. Portanto, a partir de tais privações, pode haver um retorno a uma forma anterior apenas quando tais coisas são dissolvidas na matéria prima.

1754. No entanto, se existe alguma privação à qual a matéria está imediatamente disposta, e isso não significa nada além da não-existência da forma na matéria que carece de uma disposição para a forma, então o processo de reverter de tal privação para uma forma [anterior], como da escuridão para a iluminação, será possível porque isso [i.e., a escuridão] nada mais é do que a ausência de luz no meio transparente.

Revision #2

Created 16 September 2026 23:04:38 by Admin

Updated 16 September 2026 23:09:37 by Admin